

## NÍVEIS DE RESISTÊNCIA DE CEVADILHA AO GLYPHOSATE

**Palavras-chave:** bromus catharticus, enzima epsps, dose-resposta

**Autores:** Ribas, Júlia<sup>1</sup>; Nunes, Anderson<sup>2</sup>; Trezzi, Michelangelo<sup>3</sup>; dos Santos, Luciana<sup>4</sup>; Hahn, Ana<sup>5</sup>; Hahn, Alisson<sup>6</sup>; Variani, Clever<sup>7</sup>; Bagnara, Felipe<sup>8</sup>; Frosi, Leonardo<sup>9</sup>; Pretto, Mateus<sup>10</sup>; Okumoto, Nayara<sup>11</sup>; Cinelli, Rafaela<sup>12</sup>; Dysarz, Rafael<sup>13</sup>; Polito, Rubens<sup>14</sup>; Heck, Tamara<sup>15</sup>

A cevadilha (*Bromus catharticus*) é uma planta daninha frequente nas culturas de inverno na região sul do país. Nas últimas safras de inverno surgiram relatos sobre a dificuldade de o herbicida glyphosate controlar a cevadilha. O objetivo deste estudo foi confirmar a resistência de *Bromus catharticus* ao herbicida glyphosate. O experimento foi realizado em casa-de-vegetação no IFRS – Campus Sertão, em delineamento experimental inteiramente casualizado com arranjo bifatorial, sendo o primeiro fator seis biótipos de cevadilha e o segundo fator oito doses de glyphosate (0, 135, 270, 540, 1080, 2160, 4320 e 8640 g e.a há<sup>-1</sup>). A variável avaliada foi fitotoxicidade, em escala de 0 a 100, considerando zero, ausência de dano, e 100, a morte da planta. As avaliações foram realizadas aos 21, 28, 35 e 55 dias após aplicação (DAA). A análise da variância mostrou diferença entre os biótipos, doses do herbicida glyphosate e interação “biótipos x doses”. Os dados de fitotoxicidade se ajustaram ao modelo logístico de três parâmetros. Os valores de R<sup>2</sup> ficaram próximos do valor um, e a significância dos ajustes (p-value) foi de 0,0001 ou menor. Após a avaliação dos 35 DAA, as plantas dos biótipos suspeitos de resistência que não foram totalmente controladas pelas doses de até 1080 g e.a ha<sup>-1</sup> começaram a rebrotar. Conclui-se que os biótipos 80, 84 e 85 são o primeiro relato de cevadilha resistente ao herbicida glyphosate no mundo com fatores de resistência (FR) de 4,7; 2,7 e 1,5, respectivamente, devendo ser tomadas medidas de manejo adequado que evitem a dispersão destes biótipos.

<sup>1</sup>julia.lr.loss@gmail.com

<sup>2</sup>anderson.nunes@sertao.ifrs.edu.br

<sup>3</sup>trezzim@gmail.com

<sup>4</sup>luciaravidalsantos@gmail.com

<sup>5</sup>anaphahn@gmail.com

<sup>6</sup>matiahshahnalisson@gmail.com

<sup>7</sup>clever.variani@sertao.ifrs.edu.br

<sup>8</sup>felipebagnara99@gmail.com

<sup>9</sup>leofrosi37@gmail.com

<sup>10</sup>mateuspretto.mp@gmail.com

<sup>11</sup>nayarabisonokumoto@gmail.com

<sup>12</sup>rafacinelli@gmail.com

<sup>13</sup>rafadysarz@gmail.com

<sup>14</sup>rubenspolito@gmail.com

<sup>15</sup>tamyheck@hotmail.com